

ECO: LINGUAGEM E PAIXÃO

Neiva Ferreira PINTO¹

- RESUMO: O objeto desse trabalho é o episódio de Eco, de *Metamorfoses*, de Ovídio (III, 356-507). Tenta-se determinar, a partir de um ponto de vista semiolinguístico, o que perde a *uocalis ninpha* ao ser castigada por Juno, transformando-se em eco; propõe-se uma relação dessa perda com a linguagem.
- PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; linguagem; discurso; literatura latina; Ovídio; Metamorfose; Eco.

Ecos

Eco, a ninfa cuja voz servira para proteger o amor, fica reduzida a mero som: *sonus est Qui uiuit in illa*.

Ignácio Assis Silva

Ao notas que se seguem são uma tentativa de organização de reflexões suscitadas pela análise do fragmento “Narciso-Eco” das *Metamorfoses*, de Ovídio, desenvolvida pelo professor Ignácio Assis Silva, no curso “Indagações sobre os Fundamentos da Linguagem: figurativização e Metamorfose”², no Programa de Pós-graduação em Letras da UNESP/Araraquara.

O curso provocou releituras de Ovídio que desencadearam uma espécie de “loquacidade” - aparentemente do texto, talvez, daqueles leitores. Esse texto, então, nos falava de tudo e tudo podíamos falar dele e com ele: do conhecimento, da paixão, do poder, da linguagem...

A necessidade de apresentar um “trabalho para avaliação” obrigou-nos a acalmar o deslumbramento e a escolher um caminho. Considerando que a análise do professor incidira principalmente sobre o mito de Narciso, optamos por ordenar as nossas reflexões sobre a metamorfose de Eco, explorando especialmente a fase inicial da transformação.

Fomos tentados a apresentar estas notas como um tributo, mas temos consciência de que nossa paixão nos engana: ecos distantes, elas não guardam nem a arte do

¹ Departamento de Letras – UFJP – CEP 36036-330 – Juiz de Fora – MG – Brasil.

² Esse curso foi apenas uma etapa da longa e profunda pesquisa que o Prof. Ignácio Assis Silva desenvolveu sobre esse tema, e cujo fruto maduro e sumarento é o livro publicado pela Editora da UNESP em 1995: *Figurativização e Metamorfose: o mito de Narciso*.

poema nem o rigor da ciência do mestre que as motivou. São apenas uma tentativa de figurativizar nossas indagações, de dar sentido a um som que ficou em nós... Tantos anos passados, ainda em busca de seu tom...

Eco

Fusões. Transmutações. Personae. Máscaras. Movimento.
Videogramas verbais. Vide Ovídio.

Augusto de Campos

Este texto pretende expressar o encantamento de leitores do século XX diante de um texto que deveria estar velho, ultrapassado em seu conteúdo e ininteligível em sua forma, porque, afinal, foi escrito no século I d.C., em uma língua que o senso comum considera morta. O poema “Metamorfoses”, do poeta latino Ovídio, foge à sua contingência histórica, oferecendo-se a “cada instante como um conhecimento” (LOPES, 1981).

Tendo sobrevivido por todas esses séculos à uma crítica que ora o acusa de “versejador”, ora de “narrador”, Ovídio permanece na literatura ocidental como autor de uma obra fecunda impressionando artistas como Dali e Pound (CAMPOS, 1978), além de ser - pobre destino - um dos mais “analisados” pelo humanismo escolar em busca de ilustração.

As notas que se seguem são uma tentativa de apreender por um momento esse conhecimento, registrando-o como uma leitura.

O objeto dessa leitura é o episódio da metamorfose de Eco, que Ovídio registra pela primeira vez como mito associado ao de Narciso, para tentar determinar o que perde Eco de um ponto de vista lingüístico, e para propor uma relação dessa perda com o problema do homem e a linguagem.

No curso indicado, o professor esboçou a descrição da petrificação de Eco, demonstrando que a transformação se faz por uma espécie de dessemantização, uma perda de caracteres até a redução a traços mínimos, em percurso que considera equivalente ao da arte moderna.

A descrição do percurso mostra que a petrificação é apenas a fase final do processo de transformação, que se desencadeia a partir do castigo de Juno, uma punição no âmbito da linguagem.

A metamorfose começa com a perda da competência lingüística, descrita como uma punição sofrida por Eco por ter usado a língua enganosamente. Ao se referir à fala como que Eco engana Juno, o narrador usa a expressão *longo sermone* - prendeu

a atenção de Juno **com uma longa conversa**: “*Illa deam longo prudens sermone tenebat*” (v. 364)³

Embora *sermone* não tenha o traço /materialidade/ próprio do ablativo instrumental latino (RÚBIO, 1966), (FARIA, 1958), é notável sua instrumentalidade, tal como a semiótica da narrativa considera um programa narrativo (PN) que serve à consecução de outro programa narrativo (GREIMAS & COURTÉS, 1980). A conversa que Eco mantém com Juno constitui o PN que possibilita a fuga de outras ninfas (PN de base). No discurso, a forma do ablativo latino parece própria para ressaltar o caráter de instrumentalidade da conversa (servir para atingir um objetivo). Mesmo na ausência (ou no enfraquecimento) dos traços /objeto+/materialidade/, a expressão como ablativo figurativiza o **uso** que Eco fez de sua conversa para enganar Juno.

A conversação tinha um fim específico que não era transmitir uma informação, isto é, não era comunicação em sentido estrito. Ao contrário, Eco fala a Juno para que a deusa “não saiba”, para que ela não tome conhecimento dos fatos. A fala de Eco não tem sentido intrínseco, cognitivo: é, na verdade, uma ação dissimulada para impedir Juno, a esposa ciumenta, de surpreender Júpiter em colóquio amoroso com as ninfas.

*Fecerat hoc Iuno, quia, cum deprendere posset Sub Ioue saepe suo
nymphas in monte iacentis,
Illa deam longo prudens sermone tenebat,
Dum fugerent nymphae.* (v. 362-365)⁴

Além da funcionalidade do ablativo, *sermone* tem mais um traço reiterador na sua etimologia: *sermon-* = *modo de expressão, linguagem, discurso familiar, conversação, conversa, língua, idioma, palavra, termo*, - é da mesma raiz de *sero*: *enlaçar, entrelaçar, travar, ajuntar, encadear, ligar, atar, embrulhar, enredar, emaranhar, complicar* (ERNOUT & MEILLET, 1959). A partir dessa raiz comum pode-se entender o enredamento de Juno pelo longo discurso da ninfa prudente, hábil.

O verso “*Illa deam longo prudens sermone tenebat*” parece ser a síntese do estado de “plenitude de linguagem” de que goza Eco, antes da transformação, porque *sermon-* é a palavra latina que significa linguagem e parole (SAUSSURE, 1988), enquanto outras palavras operam recortes na faculdade de linguagem. Nesse momento em que Eco tem o domínio completo de sua linguagem, *ser- mon-*, *longo sermone* é a expressão que concentra essa significação.

No momento seguinte, quando Juno descobriu o engano e castigou a ninfa, o complexo ato da conversação aparece decomposto - *lingua* e *uocis*, o castigo limita o **poder sobre a língua** e o **uso da voz**.

³ “Aquele [=Eco] enganava a deusa com uma longa conversa”

⁴ Fizera isso Juno, porque quando podia surpreender, nos montes, as ninfas que se deitavam sob seu Júpiter, aquela [=Eco], hábil, entretinha a deusa com uma longa conversa, enquanto as ninfas fugiam.

...postquam hoc Saturnia sensit:
 'Huius' ait 'linguae, qua sum delusa, potestas
 Parua tibi dabitur uocisque breuissimus usus.' (v. 365-367)⁵

A releitura dos versos iniciais do episódio torna mais claro o alcance do castigo. Juno tira à ninfa tudo que era o seu encanto:

Vocalis nympha, quae nec reticere loquenti
 Nec prius ipsa loqui didicit, resonabilis Echo.
 Corpus adhuc Echo, non uox erat: et tamem usum
 Garrula non alium, quam nunc habet, oris habebat
 Reddere de multis ut uerba nouissima posset.
 Fecerat hoc Iuno,... (v. 357-362)⁶

O efeito de sentido de privação de linguagem está de tal forma construído que se faz gradativamente, de modo que à inicial competência lingüística integral segue-se um estado de perda de *parole* mas permanência de *langue*, semelhante ao da afasia de expressão, em que a emissão é reduzida a uma palavra ou a algumas expressões estereotipadas;

..... 2^{me}. que dans tous lê cas d'aphasie ou d'agraphie, ce qui est atteint c'est moins la faculté de proférer tels ou tels sons ou de tracer tels ou tels signes que celle d'évoquer par un instrument, quel qu'il soit, les signes d'un langage régulier. Tout cela nous amène a croire qu'au-dessus du fonctionnement des divers organes il existe une faculté plus générale celle qui comuande aux signes, et qui serait la faculte linguistique par excellence. (SAUSSURE, 1988)

Só ao completar-se a metamorfose Eco aparece reduzida a puro som.

A ninfa de voz sonora, ao sofrer o castigo imposto por Juno, tonar-se incapaz de usar a língua, mas resta-lhe, inicialmente, uma capacidade limitada de interpretação, como mostra sua reação ao pedido de Narciso para que apareça aquele que lhe responde, e às duras palavras de rejeição que ele dirige ao descobri-la.

Et uerbis fauet ipsa suis egressaque silua
 Ibat, ut iniceret sperato brachia collo.
 Ille fugit fugiensque "manus complexibus aufer:
 Ante" ait "emoriar quam sit tibi copia nostri.

⁵ "...depois que a Saturnia percebeu isso, diz: "Dessa língua, pela qual fui enganada, a ti será dado um pequeno domínio e um uso brevíssimo da voz"

⁶ uma ninfa, dotada de voz, que aprendeu a nem calar-se ao que fala, nem ela própria falar antes, a repetidora Eco. Até então, Eco possuía corpo, não era apenas voz; e, contudo, a garrula não possuía uso da voz diferente do que agora possui, para que pudesse reenviar as últimas palavras a respeito de muitas coisas: Fizera isso Juno, ...

Spreta latet siluis pudibundaque frondibus ora
 Protegit et solis ex illo uiuit in antris (v. 388-394)⁷

A perda do corpo ocorre depois da perda lingüística. O texto diz que a perda do corpo é consequência da paixão rejeitada por Narciso. Mas, o texto afirma, antes que Eco, castigada, não pode iniciar conversação com Narciso, expressar-lhe suas doces preces:

O quotiens uoluit blandis accedere dictis
 Et mollis adhibere preces! Natura repugnat
 Nec sinit incipiat; sed, quod sinit, illa parata est
 Expectare sonos, ad quos sua uerba remittat. (v. 375-378)⁸

Já punida por Juno, ao encontrar Narciso, Eco só pode repetir suas palavras, quando ele, perdido, grita pelos companheiros. Repetindo-o, dá a Narciso a ilusão de estar sendo respondido, de estar falando com os companheiros, e Narciso insiste no que pensa ser um diálogo. "*Perstat et alternae deceptus imagine uocis*" (v. 385)⁹

Não sabe Narciso que Eco não lhe responde, mas o repete, involuntariamente, que ela não pode nada mais que repeti-lo, porque, tal como ele não pode "sair" de si mesmo, está preso nos limites de sua exclusiva pessoa, Eco não pode ser pessoa, porque está presa no discurso do outro. Opostos complementares, não podem jamais ter um discurso comum. Nessa história de desencontro não há lugar para os referenciais do diálogo. Seu diálogo é sempre uma ilusão (v. 385), tal como é uma "ilusão do outro" a imagem que Narciso vê na água. Cada um não é mais que reflexo, a imagem invertida que pertence, sempre, ao emissor, que, portanto, trapaceia, porque não sincretiza destinador e destinatário, como parece, mas anula a transitividade própria da linguagem: não há linguagem fora do social, ensinou Saussure(1988).

Eco "deve", e nada mais pode, repetir o que ouve. Repetindo, Eco não se faz pessoa do discurso, por uma razão fundamental: "A linguagem só se torna possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no discurso." (BENVENISTE, 1988, p.286). Não é o que ocorre na repetição. É preciso entender que a imagem refletida é a imagem que "volta do ponto onde ela bateu para o ponto em que ela foi gerada", "o ponto de origem". Assim, Narciso "recebe de volta" a sua imagem, ela volta a ele, ela é vista por ele mesmo que a gerou. "*Cunctaque miratur quibus est mirabilis ipse*", diz o poema ovidiano, (v. 424). Assim, o Eco: é a energia sonora refletida por um obstáculo, devolvida ao ponto de partida – emissor

⁷ E ela mesma é favorável a suas palavras e saindo do bosque caminhava, para que lanças os braços ao pescoço visto [=desejado]. Ele [=Narciso] foge e, fugindo: "tira as mãos dos abraços.! Antes, diz, [eu] morra que tenhas poder sobre mim". A desprezada esconde-se e o rosto corado, com as folhagens protege [cobre] e [desde então] vive nas cavernas isoladas [só].

⁸ Oh! quantas vezes quis aproximar-se com palavras suaves e dirigir [lhe] doces súplicas. A [sua] natureza opõe-se e não permite que comece; mas, porque deixa, ela está preparada para aguardar os sons, com os quais possa remeter suas palavras.

⁹ Persiste e, enganado pela imagem da voz alternada

do som – como uma *imagine uocis* (v. 380-390). O refletido (=dobrado sobre si mesmo), seja o som, seja a “sombra”, constitui sempre uma falsa resposta, porque não é o que parece, uma fala, mas uma “imitação da fala”, não é uma “emissão verdadeira” – não é enunciação, mas uma repetição com direção invertida, da emissão original. É preciso atentar para o **caráter involuntário** do refletor, para seu caráter de obstáculo: o refletor não escolhe o que devolver, apenas reflete.

Eco não pode escolher nem o que repetir (discurso), nem o momento (tempo), nem onde repetir (espaço), nem de quem, portanto, nem para quem repetir (destinador-destinatário). Condenada a ressoar todo e qualquer som (v. 368-369), Eco perde a escolha individual que caracteriza a enunciação. Essa impossibilidade de seleção é seu verdadeiro castigo: ela, que usou a língua com habilidade para enganar Juno, é obrigada a enganar Narciso, porque nem pode iniciar uma fala. Sem escolha, ela o repete: sem *parole*, ela o segue; sem seleção, ela se entrega e é rejeitada:

*Forte puer, comitum seductus ab agmine fido,
Dixerat: 'Ecquis adest' et 'adest' responderat Echo.*

*Voce 'Veni' magna clamat, uocat illa uocantem
Respicit et rursus nullo ueniente: 'Quid' inquit
'Me fugis?' et totidem, quot dixit, uerba recepit
'Perstat et alternae deceptus imagine uocis'*

*'Huc coeamus' ait nullique libentius umquam
Responsura sono 'coeamus' retullit Echo; (v. 379-387)¹⁰*

Há uma oposição discursiva entre a /atividade/ da ninfa gárrula e a /passividade/ da rocha ressoante. Verbos e substantivos que se referem ao campo da linguagem, especialmente ao suo da linguagem, caracterizam o estado anterior ao castigo. Há em torno de 40 termos no conjunto de pouco mais de 50 versos.

O estado posterior ao castigo, mesmo o momento do encontro com Narciso, é construído com expressões de passividade ou de negação de atividade.

Um sema /voluntariedade/ está presente (ou pode ser associado) nos lexemas que se ferem à competência – e à performance – discursiva de Eco, manifestando o caráter subjetivo de sua garrulice. Com o castigo, esse sema será substituído por /involuntariedade/, ressaltando a perda do caráter subjetivo do discurso, até transformar Eco em objeto, desumanizada, desanimizada, uma rocha ressoante: “Um som que vive nela”.

¹⁰ Por acaso, o jovem afastado do grupo fiel dos companheiros, perguntara: “Alguém está aí?” e, respondera Eco: “está aí?” o grita com grande voz: “Vem”, [e] ela chama o que [a] chama . olha para traz e, novamente não vindo ninguém [Narciso] diz : Por que foges de mim?” e tantas vezes quantas disse recuperou. Persiste e, enganado pela imagem da voz alternada, diz: “Encontremo-nos aqui!”, e a que vai responder ao som com o maior prazer [jamais] a ninguém, Eco repete: “Encontremo-nos aqui!”.

Tendo perdido o **poder-escolher** inerente ao discurso, Eco perdeu o **querer** inerente à escolha, característico do sujeito. Sem **poder** e sem **querer**, Eco perde também o **saber** e mesmo a limitada competência de interpretação que lhe restara desaparece, anulada pela impossibilidade de iniciar conversação; o que é igual a ser incapaz de enunciar.

Quer se entenda a enunciação como “situação de comunicação”, como “contexto psicológico da produção dos enunciados”, como “ato de linguagem”, isto é, como “estrutura não lingüística (referencial) que subentende a comunicação lingüística”, quer se entenda – como a semiótica – como “uma instância lingüística logicamente pressuposta pela existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)”, é a enunciação que Eco perde. Privada da “instância que possibilita a passagem entre a competência e a performance, entre as estruturas semióticas virtuais, de cuja atualização ela deve encarregar-se”, Eco não pode realizar o discurso. Eco não pode realizar as operações de debreagem e embreagem que projetam os discursos (GREIMÁS & COURTÉS, 1980).

Esse entendimento de enunciação não se vincula a nenhuma ilusão de liberdade absoluta do falante, mas, como mostrou Saussure, o uso da língua supõe uma liberdade de combinatórias dentro do código, da língua. A *parole* supõe a conjugação da observância de regras previstas no código com a liberdade de combinação dessas regras pelo sujeito de enunciação. Essa liberdade de uso, que se poderia traduzir como “poder de manipulação”, é o que perde Eco, quando já não pode manipular sua língua, portanto, não pode produzir o seu discurso e, como conseqüência, não pode entrar em comunicação. A comunicação exige discurso próprio, assumido como próprio. Não se permite ao interlocutor repetir sempre o discurso do outro. O discurso é parafrástico, isto é, é sempre “outro modo de dizer”. A repetição falseia o jogo de turno conversacional, produzindo uma “falsa réplica”, escamoteando a enunciação. O falante repetidor “emite sons”, mas ao se apoderar do discurso do outro “perde o seu discurso, não ocupa verdadeiramente o lugar do enunciadador, por não assumir a escolha do discurso. Não sendo destinador, não pode ter destinatário. Tomando falsamente o lugar do interlocutor, perde o seu lugar privilegiado de enunciação: a primeira pessoa. Não se fazendo sujeito de enunciação, não pode, porque sem discurso, constituir interlocutores. Pode, apenas, repetir até se tornar o emissor de palavras vazias, “puro som” como a ninfa castigada.

O que Eco perde não é a voz nem a audição, não é uma perda fisiológica, é antes, a perda descrita por Saussure (1988), ao comentar afasia, como mostramos acima. A oposição no campo da linguagem não se faz entre silêncio e fala (ou entre som e não-som) mas entre discurso (*longo sermone*) e repetição (*reddere, reportat*). A ninfa não é condenada ao silêncio, mas tem sua competência lingüística reduzidíssima: o texto mostra que “repetir”, “ressoar”, não é igual a “falar” (v. 357-362). A elaborada construção dessa oposição conduziu o enfoque lingüístico de nossa leitura: a oposição

é entre voz e linguagem, entre o que é semiótico, e, portanto, socialmente regulado, e o que não é semiótico, que não tem sentido, fora das regras sociais, escondido na natureza.

O texto de Ovídio constrói o percurso da perda de Eco como um castigo (v. 365-367). Esse dado aponta para outro aspecto da questão: o das coerções sociais para o uso da língua. O discurso é uma performance regida por uma escolha de operações individuais dentro do código, é um ato, um comportamento e como tal é regido pelas coerções sociais. Tal como não pode operar aleatoriamente na *langue*, o falante não pode usar aleatoriamente os discursos, sem observar as regras de uso. Uma das regras principais, talvez a principal, é a que determina a função comunicativo-referencial do discurso. Essa regra, ditada pelo senso comum, proíbe o uso da fala para outros fins, como um mau-uso, como se a comunicação não fosse, por si só, manipuladora. Essa regra faz crer em uso correto e inofensivo do discurso. De acordo com essa regra, Eco não poderia ter usado seu discurso para entreter Juno, enganosamente, impedindo-a de surpreender as ninfas com Júpiter. Ao contar histórias para Juno, Eco realizou um ato **aparentemente** estranho ao discurso, não-lingüístico, na medida em que não foi a mensagem, o conteúdo da fala, mas o próprio ato de fala de Eco que impediu Juno de realizar sua ação de perseguir as ninfas. Tendo violado uma regra de uso, Eco fatalmente deveria ser castigada. A violência do castigo corresponde ao atrevimento do crime: a ninfa de voz sonora, além de degradar a linguagem, fez um discurso subversivo, privilegiando o desejo contra o dever, violando a ordem estabelecida em benefício do Amor, rompendo as regras sociais, que se confundem sempre com o poder. Tendo levado aos limites da ruptura do social sua escolha individual, Eco é castigada com a perda da linguagem, o que é o mesmo que exclusão social.

Sem linguagem, Eco sai do mundo da comunicação – refugia-se nas cavernas, esconde a paixão, o amor que cresce enquanto seu corpo se rarefaz com a dor da rejeição. Terminada a metamorfose, cristalizada em rocha ressoante, Eco passa ao mundo da “ultra-significação”. Deformada, dis-formada, reduzida à substancialidade, é “guindada ao estatuto mítico” das “formas novas da morfogênese ovidiana” (SILVA, 1989).

À desconstrução do ator-signo *nimpha-uocalis* corresponde a construção do símbolo-mito-*Eco*. O texto faz um percurso figurativo de desconstrução, mas instaura um percurso de construção (de permanência?, de totalidade?, de absolutização?, de integração?) que estabelece o vínculo simbólico, algo que passa a ser uma “figura petrificada”, uma configuração discursiva, “uma figura para sempre”, recorrente em todos os discursos em que aparecer o que antes foi só signo: Echo → eco → Eco.

Assim des/construída, Eco pode ser lida como a figurativização – que a pretensão seja perdoada – de uma concepção de linguagem (mesmo de língua), como forma,

sistema, semiótica (uma “lingüística saussureana” *avant-la-lettre*?). Difícilmente, parece, haverá um ponto de vista que não reconheça nesse texto a inscrição de figuras da relação do homem com seu universo significante, especialmente com sua linguagem. Mas, não é possível esquecer que a questão da linguagem, neste texto, está inscrita no universo das paixões: desde o discurso ardiloso da *nimpha uocalis*, protegendo as ninfas amorosas, passando pela ira da ciumenta Juno, a cruel rejeição de Narciso, para culminar com a dor “petrificante” de Eco, é de linguagem e paixão que ele nos fala com apaixonante poesia.

Associada, por Ovídio, ao mito de Narciso, que, segundo Lopes (1978), figurativiza uma “teoria do auto-conhecimento e do amor” – o **querer e poder** -, Eco torna-se, desde então, seu complemento necessário.

Opostos complementares, esses mitos se unem pelo eixo do desejo. A paixão subverte as regras de bem-viver – “se não se conhecer” (= não se amar), para Narciso; “se não se revelar”, para Eco. A paixão provoca a transformação que gera a “forma nova”, que gera a narrativa, que gera o mito do mito que dá sentido para “o ser/estar do homem no mundo.”.

Eco torna-se o símbolo da relação homem/linguagem/desejo porque é pela paixão e pela palavra que se transforma – com o amor do amor, perde a linguagem e perde o corpo, torna-se a só substância essencial para que o Outro construa sua linguagem, a sua arte. A linguagem e a paixão, “essas coisas essencialmente humanas”, só na arte se integram e dão sentido a isso mesmo que essencialmente somos: rocha ressoante... pedras com voz... barro animado com sopro divino... ecos... .

“Falo, se as palavras que digo são um som”

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Professor Haroldo Bruno, então nosso colega de doutorado na UNESP/Araraquara, a tradução do texto de Ovídio que, embora **ele** considere “de serviço”, isto é, não-acabada, utilizamos com proveito em todo o trabalho.

PINTO, N. F. Eco: language and passion. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 175-184, 2003.

- **ABSTRACT:** *The object of study is the episode of Eco, from Ovidio's Metamorphoses, (III, 356-507). It tries to determine from the semiolinguistic (?) point of view what the uocalis nimpha loses when punished by Juno (?), who transforms her into Eco. It also proposes a relation between this loss and the language..*

■ **KEYWORDS:** *Semiotics; discourse; latin literature; Ovidio; Metamorphosis; Eco.*

Referências

- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.
- CAMPOS, A. Metamorfoses das metamorfoses. In: _____ . **Verso, reverso e controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.191-8.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots**. 4. ed. Paris: Klincksieck, 1959.
- FARIA, E. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- GREIMAS, A. J.; COURTES, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LOPES, E. **Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- _____. A proposta revolucionária do cubismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1981. Cultura, p.10.
- OVIDIO, **Les métamorphoses**. 2^{ème}. Texte établi et traduit par George Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1957. v.1.
- RUBIO, L. **Introducción a la sintaxis estructural del latin**. Barcelona: Ariel, 1966.
- SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique prepare par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1988.
- SILVA, I. A. A construção do ator: do signo ao simbólico. **Significação**, v.6, p.51-8, 1987.
- _____. A metamorfose de Narciso. **O Cruzeiro Semiótico**, 9 jul., 1989.

■ ■ ■